

**RELAÇÕES DE GÊNERO E PODERES: TRABALHO NO IFES/CAMPUS  
MONTANHA, 2019**

Ana Claudia Fehelberg Pinto Braga  
*Professora EBTT de Artes do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do  
Espírito Santo (Ifes)*  
anafehelberg@gmail.com

Francesco Suanno Neto  
*Professor EBTT de História do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do  
Espírito Santo (Ifes)*  
francescosuanno@gmail.com

A pesquisa *Relações de Gênero e Poderes: trabalho no Ifes/Campus Montanha, 2019*, compõe parte das atividades do projeto de Iniciação Científica Júnior em fase de conclusão, modalidade que envolve estudantes de Ensino Médio, do Instituto Federal do Espírito Santo/Campus Montanha, e está associado ao grupo de pesquisa DIVERGEN (Grupo de Pesquisa em Diversidades e Gênero).

O projeto de pesquisa, sob orientação da professora Ana Claudia Fehelberg Pinto Braga e do professor Francesco Suanno Neto, teve início em agosto de 2018 e completará seu ciclo em agosto de 2019. Trata-se de uma segunda edição de uma pesquisa iniciada pelo professor Francesco, realizada no intervalo 2016-2017, que foi divulgada e publicada no 13º Congresso Mundos de Mulheres (MM) e no Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 (FG), de 2017, com o título *Relações de Gênero e Poderes: trabalho e mulheres no Ifes/Campus Montanha, 2016*.

Na primeira investigação, foram foco de análise questões relativas ao trabalho, no Ifes/Campus Montanha, empenhado exclusivamente pelas mulheres, abordando, assim, o tema da maternidade na vida profissional da mulher, a presença e/ou ausência das mulheres em cargos de chefia, e as múltiplas jornadas e a divisão sexual do trabalho enfrentadas pelas mulheres na instituição.

Na segunda edição, 2018-2019, o projeto propôs identificar as características do trabalho realizado pelas mulheres e, também, pelos homens no Ifes/Campus Montanha, por meio de estudos comparais das relações de gênero no ambiente profissional de uma instituição de ensino, constituída por diferentes funções: entre técnicos-administrativos e docentes,

no âmbito dos servidores, além de profissionais que trabalham como colaboradores terceirizados, que inclui os cargos de: serviços gerais (manutenção), serviços gerais (limpeza), segurança e estágio.

Cabe ressaltar, que o recorte espacial da pesquisa é o *campus* Montanha, do Ifes, que faz parte da terceira fase de expansão da Rede Federal de Ensino, tendo iniciado suas atividades com Ensino Médio em 2014. O município de Montanha fica localizado no extremo norte capixaba, e, atualmente, oferta os cursos de Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio, Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio e Curso Superior de Tecnologia em Gestão Ambiental.

Assim, o objeto da investigação se estabelece como local estratégico para investigações acadêmicas no que diz respeito as relações de gênero e a História das Mulheres, haja vista seus objetivos múltiplos de ensino, pesquisa e extensão. Essa complexidade, de funções e intenções, tornam o ambiente diverso culturalmente e a ocupação de seus espaços, acadêmicos ou não, amplamente concorridos.

Dentre os objetivos dessa pesquisa, estão seis principais pontos que dão substância ao projeto: 1. investigar as relações entre a maternidade e os cargos e salários das servidoras do campus; 2. apurar as relações entre a paternidade e os cargos e salários dos servidores do campus; 3. analisar a relação entre homens e mulheres nos cargos de chefia do campus e caracterizar o perfil dessas chefias; 4. pesquisar a multiplicidade de jornadas de trabalho femininas; 5. averiguar a multiplicidade de jornadas de trabalho masculinas; 6. examinar a divisão sexual do trabalho no campus.

Para tanto, formou-se uma equipe de pesquisa que, além da professora pesquisadora e do professor pesquisador citados, conta com seis estudantes, de 15 a 17 anos, matriculadas no Ensino Médio Integrado ao curso técnico em Administração do Ifes/*Campus* Montanha. São elas: Caroline Damascena Cardoso, Karina de Oliveira Paschoal, Laila Lopes dos Santos, Maria Júlia Pereira Barbosa, Thais Fontes Silva Oliveira e Victória Zanete de Melo.



Estudantes Pesquisadoras (PIBIC-JR IFES), da esquerda para a direita: Thais Fontes Silva Oliveira, Laila Lopes dos Santos, Maria Júlia Pereira Barbosa, Karina de Oliveira Paschoal, Victória Zanete de Melo e Caroline Damascena Cardoso.

Grande mérito da modalidade Iniciação Científica Júnior, além do material levantado e interpretado pela pesquisa em si, é o aprofundamento da pesquisa como ferramenta de ensino. As estudantes dedicam parte de sua carga horária a experiências que, com frequência, são vividas apenas no Ensino Superior, e isso promove visível rendimento estudantil das envolvidas.

Com a intenção de se alcançar os objetivos apontados no projeto, foi elaborado um cronograma de atividades para as estudantes pesquisadoras. A partir dos inícios do convívio acadêmico do grupo, em 2018, o projeto seguiu o andamento em três etapas: de Formação, com a leitura e discussão de bibliografias básica e específica sobre a História das Mulheres e Relações de Gênero, como forma de instrução sobre o tema eixo da pesquisa; de Produção, com a preparação e aplicação dos questionários e posterior catalogação dos dados colhidos; e de Interpretação, com a análise reflexiva das informações coletadas e escrita de texto final, como uma das formas de divulgação dos resultados da pesquisa.

Na primeira etapa do projeto, a de Formação, estabelecida para ocorrer durante todo o período de 2018, foram selecionadas obras que dessem sustentação teórica para a

pesquisa. Os encontros do grupo aconteceram de forma presencial e, semanalmente, eram indicados capítulos de livros, artigos acadêmicos, partes de dissertações e teses para as estudantes pesquisadoras procederem com atividades de leitura e fichamento do texto, seguidos de discussão em grupo e orientação dos professores.

Ao longo das reuniões da Iniciação Científica, foram lidas e discutidas publicações, tais quais: *Minha história das mulheres* (2008), de Michelle Perrot, *Nova história das mulheres* (2012), organizada por Carla Bassanezi Pinsky e Joana Maria Pedro, *Dicionário crítico do feminismo* (2009), organizada por Helena Hirata e outros, *Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica* (2005), de Joana Maria Pedro.

Na fase de Produção, a equipe elaborou o questionário aplicado às trabalhadoras e aos trabalhadores que compõem o quadro de 2019 do *campus*. O questionário, como instrumento escolhido para a coleta de dados, permitiu o levantamento de informações para pesquisa quantitativa e possibilitou, também, indicadores qualitativos que serão expostos a seguir.

A partir dos primeiros meses de 2019, então, as atividades seguiram por, primeiro, elaboração da proposta piloto com realização de questionário pré-teste para validação; posterior planejamento e redação do questionário definitivo; seguida da aplicação do questionário às trabalhadoras e aos trabalhadores; no quarto momento, a obtenção de dados, com seleção, categorização e tabulação digital, para sequente fase final do projeto de pesquisa, que inclui análise estatística, discussão dos resultados e relatórios conclusivos.

A saber, o questionário foi realizado pelas estudantes pesquisadoras, sob orientação dos professores; tem caráter anônimo, não sendo solicitada a identificação da entrevistada ou do entrevistado; e foram aplicados, impressos e físicos, diretamente ao público de trabalhadoras e trabalhadores. Ainda, foi produzido para ser respondido por mulheres e homens em uma única versão. Possui divisão em 5 partes, sendo a primeira com perguntas censitárias (sexo, mês e ano de nascimento, local de nascimento, raça, estado civil, quantidade de filhos e idade deles, grau de escolaridade, profissão, renda mensal atual, idade em que começou a trabalhar), e outras 29 perguntas específicas sobre os eixos da

pesquisa, que foram divididas em quatro blocos.

O objeto de estudo da pesquisa, o Ifes/*Campus* Montanha, é uma instituição de ensino, pesquisa e extensão, com um total de 85 trabalhadoras e trabalhadores em atividade. Desses, 81 entrevistadas e entrevistados responderam às questões propostas pelas estudantes pesquisadoras. Dos casos ausentes, cita-se a justificativa de licença-maternidade, licença médica e afastamento para estudos em Programa de Pós-graduação.

Numa primeira leitura dos dados colhidos nos questionários aplicados, apresentamos aqueles que trouxeram informações chamativas. O primeiro eixo trata da maternidade e seus efeitos na vida profissional da mulher. A maternidade, vista como destino biológico feminino, pode se tornar um desafio na carreira profissional e, assim, reflexões sobre tal temática contribuem para criação de estratégias quanto à condução da vida profissional, conjunta ou não à maternidade. Foram levantadas indagações sobre o direito do trabalho da mulher e a maternidade, e as medidas legais que visam a proteção da mãe e trabalhadora, como a garantia do emprego à gestante, a licença-maternidade e o salário-maternidade, o auxílio-creche, entre outros. Com vista a pensar as relações de gênero, o eixo seguinte investiga a relação entre a paternidade e a vida profissional do homem. Foram questionados os impactos da legislação direcionada ao pai e trabalhador, como a licença-paternidade e o direito ao afastamento para assistência especial ao filho.

Para desnudar tais questões e avaliar como a maternidade e a paternidade são conciliadas com a vida profissional das mulheres e dos homens do Ifes/*Campus* Montanha, e os impactos no progresso da carreira, nas conquistas de cargos e salários desejados por elas e por eles, os dados dos questionários aplicados indicam leituras e possíveis conclusões sobre esses pontos. Assim, as informações obtidas permitem criar condições para analisar as distinções entre paternidade e maternidade na vida dos trabalhadores e trabalhadoras dessa instituição específica.

As mulheres trabalhadoras quando perguntadas “Na sua opinião, a maternidade representa a identidade das mulheres?”, declararam que “sim”, em 12,1% das respostas, e “não”, em 87,9%. Já os homens trabalhadores, sobre a mesma questão, responderam 35,8% que “sim”, e 64,6% que “não”. Esses dados relacionais mostram, especialmente,

que mais de 1/3 dos homens julgam que o destino biológico da mulher, a maternidade, compõe a sua identidade. Enquanto quase 90% das mulheres entrevistadas discordam da afirmativa.

### Na sua opinião, a maternidade representa a identidade das mulheres?

Respostas das mulheres

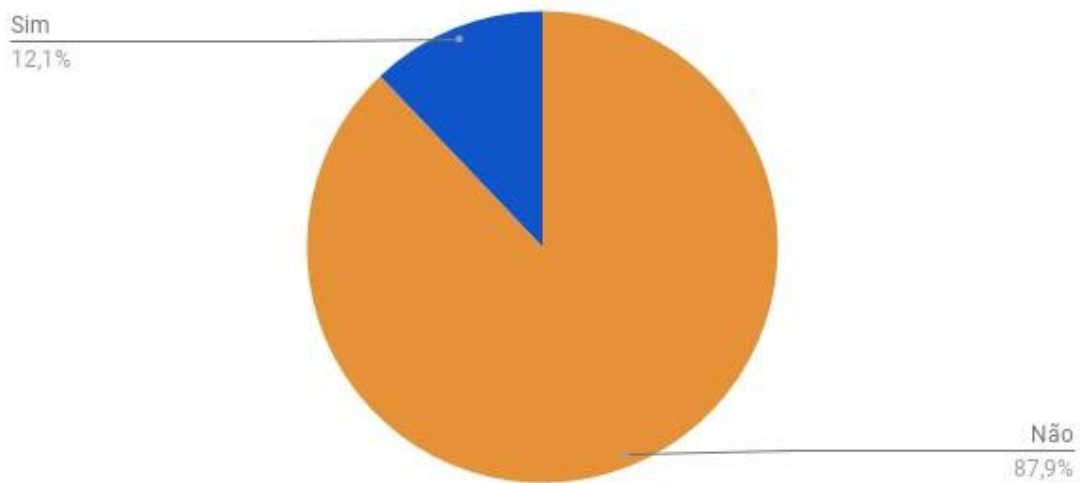


Gráfico de autoria própria com dados dos questionários aplicados.

### Na sua opinião, a maternidade representa a identidade das mulheres?

Respostas dos homens

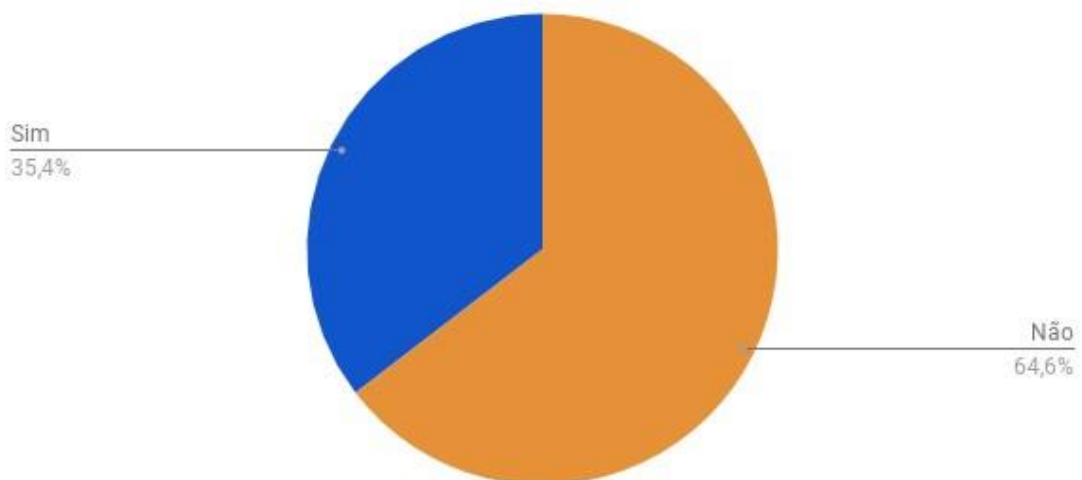


Gráfico de autoria própria com dados dos questionários aplicados.

Quando questionadas se a paternidade representa a identidade dos homens, uma porcentagem similar a pergunta anterior aparece: 11,8%, respondem afirmativamente e 88,2%, negativamente. Na resposta dos homens, 25% acredita que, sim, a paternidade é a identidade dos homens, enquanto 75% dizem que “não”. Nota-se que, comparando com os dados anteriormente apresentados, mais homens pensam que a maternidade é intrínseca da mulher, do que a paternidade do homem.

Na sua opinião, a paternidade representa a identidade dos homens?

Respostas das mulheres

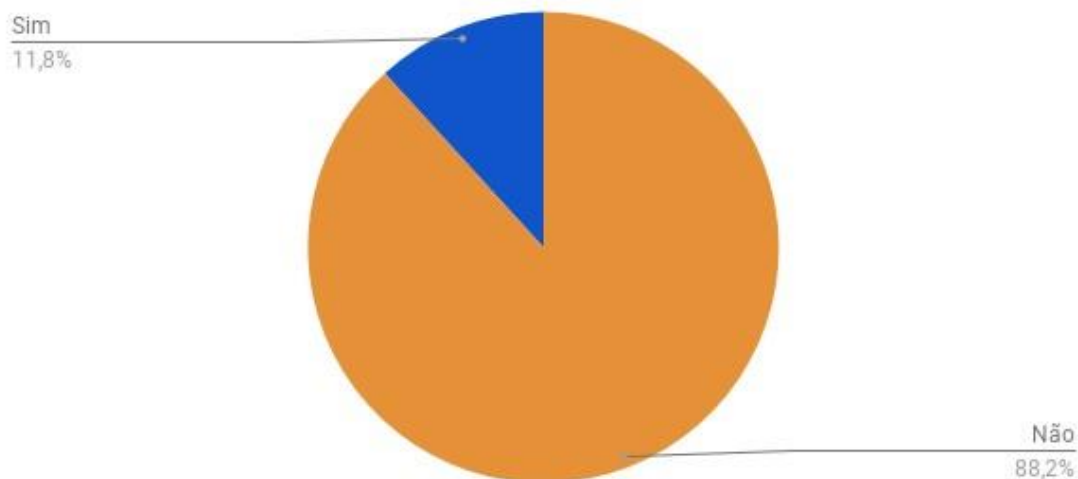


Gráfico de autoria própria com dados dos questionários aplicados.

Na sua opinião, a paternidade representa a identidade dos homens?

Respostas dos homens

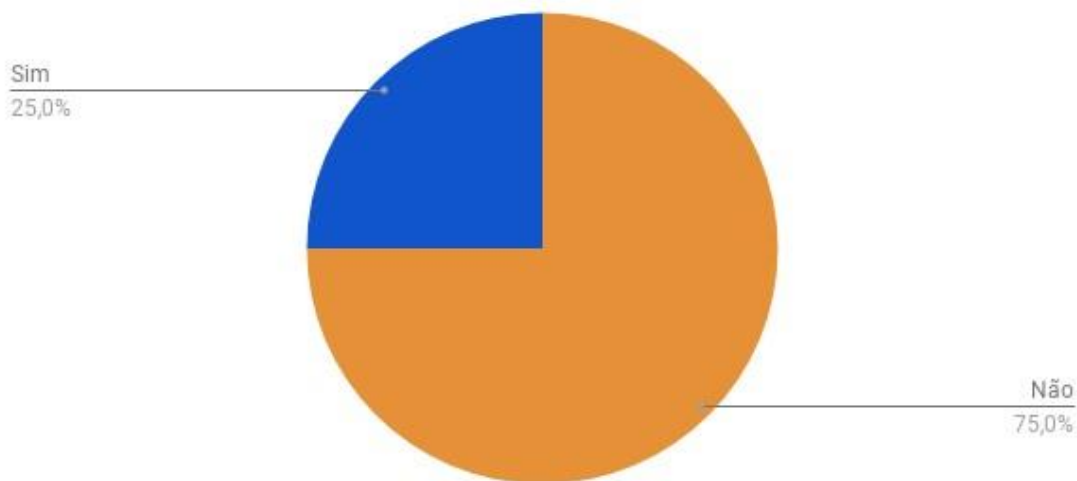


Gráfico de autoria própria com dados dos questionários aplicados.

O terceiro eixo averigua a razão entre homens e mulheres nos cargos de chefia do campus. Observa-se que, tradicionalmente, os cargos de chefia são ocupados majoritariamente por homens. No entanto, a chegada da mulher em patamares educativos mais elevados e a contínua luta por paridade nas relações profissionais, sugerem que as ocupações dos cargos de chefia sejam divididas igualmente. Foi, então, analisada a conjuntura da ocupação das funções de lideranças, sejam elas por indicação ou por nomeação eletiva. Dos 8 cargos de chefia que o *campus* Montanha possui na gestão de 2019/1, nas funções de diretoria e de coordenação de cursos, 5 são ocupados por homens e 3 por mulheres. Uma das questões que chamaram a atenção foi sobre se as mulheres são alvos de discriminação quando ocupam um cargo de chefia. 84,4% das mulheres responderam que “sim”, enquanto 55,1% dos homens partilham da mesma posição afirmativa. A partir da vivência, uma quantidade elevada de mulheres trabalhadoras sinaliza os preconceitos de gêneros nas relações de chefia.



Você acha que mulheres são alvos de discriminação quando ocupam um cargo de chefia?

Respostas das mulheres

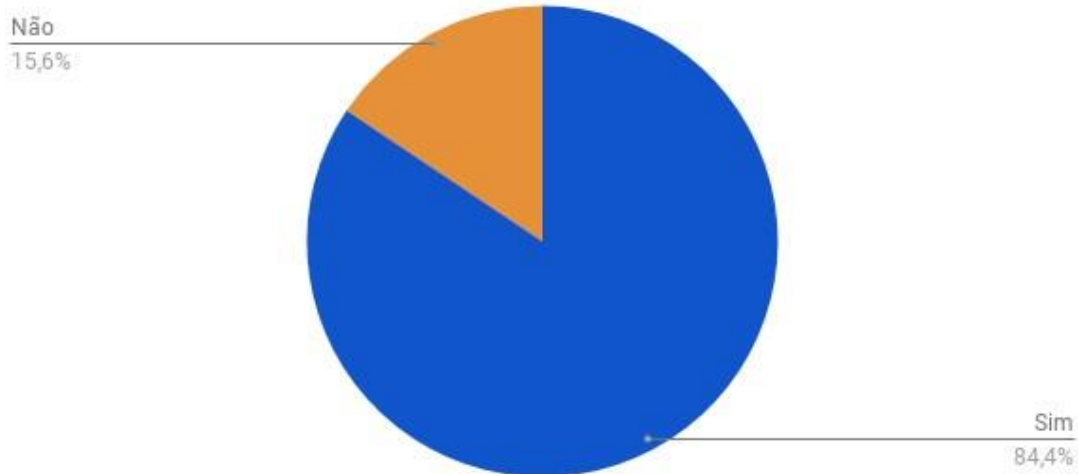


Gráfico de autoria própria com dados dos questionários aplicados.

Você acha que mulheres são alvos de discriminação quando ocupam um cargo de chefia?

Respostas dos homens

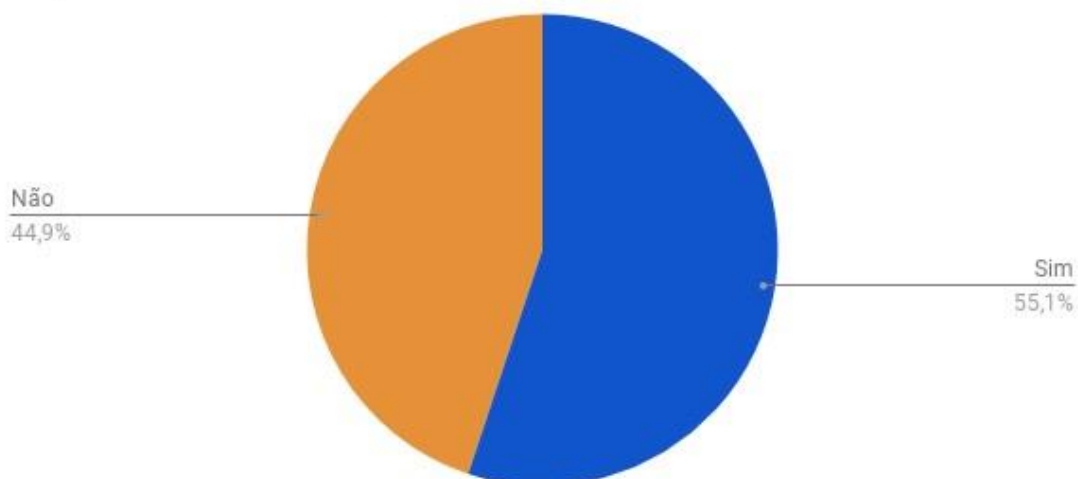


Gráfico de autoria própria com dados dos questionários aplicados.

O quarto e quinto eixo tratam das múltiplas jornadas de trabalho feminino e masculino

no *campus*. Foram averiguados como se constituem as múltiplas jornadas de trabalho femininas, se mesclam atividades domésticas, o trato familiar e o labor formal, e se constroem uma realidade cotidiana distinta da masculina. Essa demanda é verificada em uma das questões do questionário aplicado, que revela o número predominante de 97% das mulheres trabalhadoras do *campus* declaram possuir jornada múltipla de trabalho e, a alegação masculina de 72,9%.

Você possui múltiplas jornadas de trabalho (trabalho doméstico, estudos e/ou outras atividades profissionais)?

Respostas das mulheres

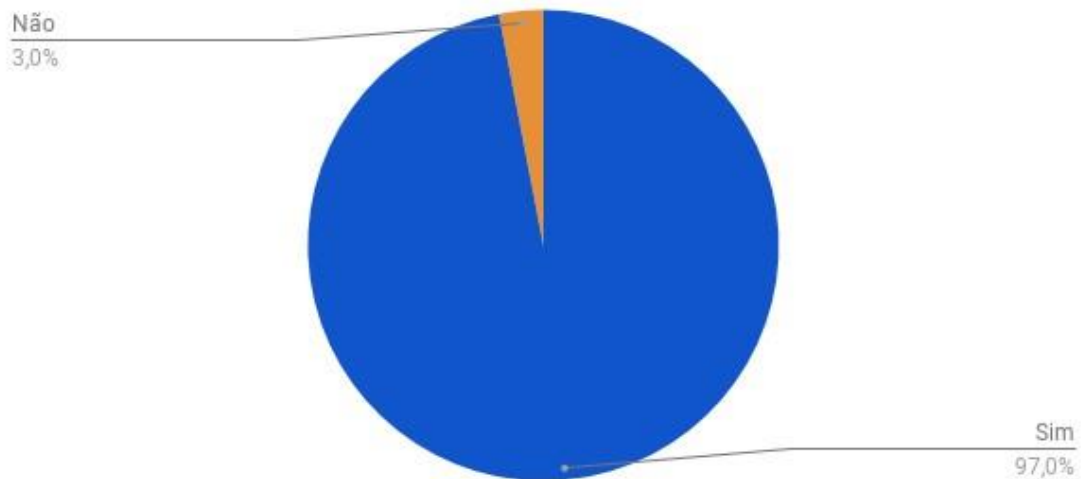


Gráfico de autoria própria com dados dos questionários aplicados.

Você possui múltiplas jornadas de trabalho (trabalho doméstico, estudos e/ou outras atividades profissionais)?

Respostas dos homens

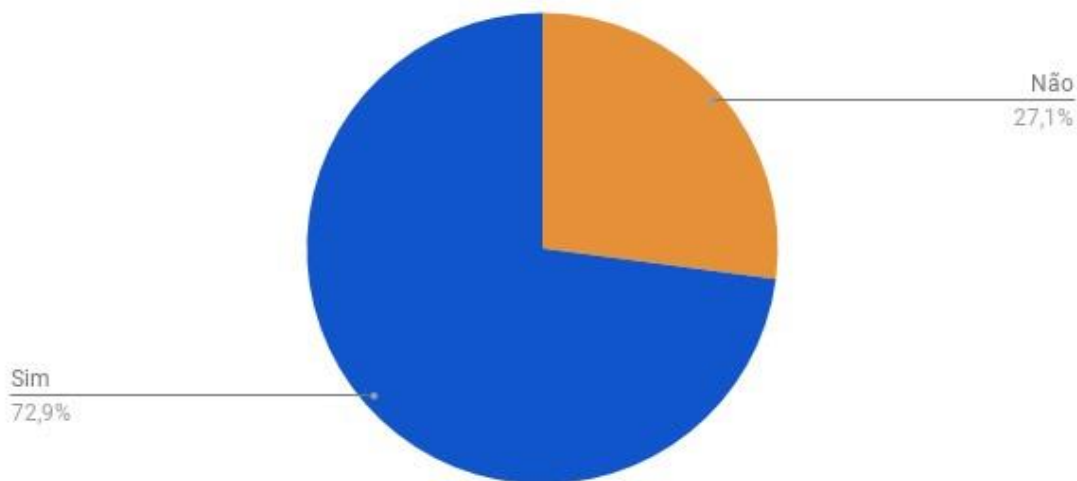


Gráfico de autoria própria com dados dos questionários aplicados.

O último eixo da pesquisa investiga a divisão sexual do trabalho dentro do *campus*. Em casos, a naturalização dessa múltipla jornada e da divisão sexual do trabalho, contribuem para formação de ambientes de trabalho com funções segregadoras, impedindo mulheres e homens de seguir carreiras específicas. Na oportunidade, foi verificado se existe algum tipo de divisão sexual do trabalho, definindo se espaços são ocupados apenas por um gênero, como exemplo, os cargos de serviços gerais (limpeza), que são inteiramente sobrecarregado às mulheres e o de serviços gerais (manutenção) e de segurança, completamente dominados por homens trabalhadores. Quando as mulheres e os homens foram perguntados se já se sentiram prejudicados, profissionalmente, por causa do seu gênero, cerca de 10 vezes mais mulheres afirmam que “sim” (45,5%) em relação aos homens (4,1%). Novamente, nota-se que o preconceito de gênero é percebido pelas mulheres em suas experiências profissionais, enquanto pouquíssimos homens relatam essa mesma percepção.

### Já se sentiu prejudicada profissionalmente por causa do seu gênero?

Respostas das mulheres

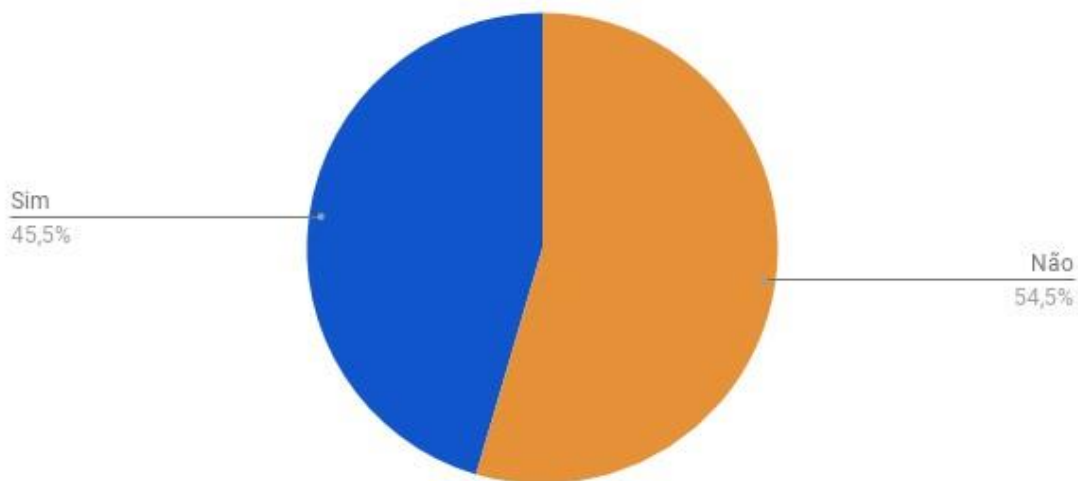


Gráfico de autoria própria com dados dos questionários aplicados.

### Já se sentiu prejudicado profissionalmente por causa do seu gênero?

Respostas dos homens

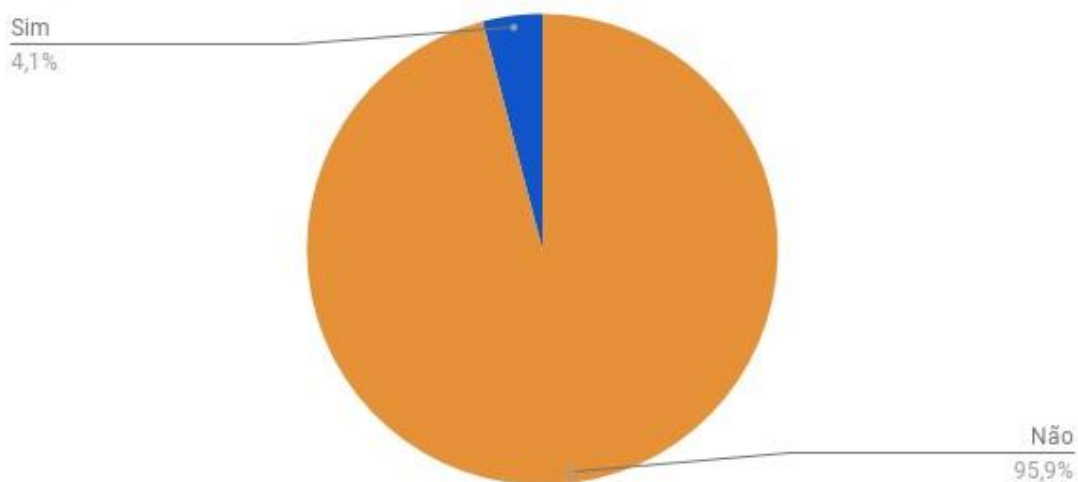


Gráfico de autoria própria com dados dos questionários aplicados.

Pesquisas com a finalidade de averiguar as relações de gênero no campus Montanha, podem oportunizar a visualização de um ambiente desigual ou paritário entre homens e mulheres. Permite-se, assim, importantes considerações a respeito da divisão sexual do trabalho, da entrada da mulher no mercado de trabalho, da relação entre sexo e acesso a cargos de chefias, e muitas outras reflexões.

A pesquisa pretende, também, possibilitar o estudo da História das Mulheres, negligenciada pelos livros didáticos, periódicos e mesmo por profissionais do ensino de História. O surgimento da demanda pelo estudo da História das Mulheres se relaciona diretamente com as pautas do Movimento Social Feminista e tem início por volta das décadas de 1960 e 1970. São mulheres acadêmicas que dão início a um interesse coletivo na produção e consumo de textos, artigos e livros sobre a presença da mulher nos eventos do passado.

Uma das questões mais debatidas nesse contexto foi a presença feminina no mercado de trabalho. Concluiu-se que, a inserção do trabalho feminino no mercado formal, consolidou-se no século XX, no entanto, nos mais diversos contextos históricos, a mulher sempre trabalhou. Se estavam restritas ao ambiente doméstico, trabalhavam com tais demandas. Mas, de forma geral, a mulher pobre trabalhou, inclusive, nos ambientes públicos, das mais diversas sociedades do passado.

A observação da divisão sexual do trabalho, das questões envoltas a maternidade e as dificuldades ocasionadas por tal momento da vida, o alcance de cargos de liderança e chefia, entre tantas outras, tornaram-se frequentes e, infelizmente, os obstáculos para pesquisas com essas questões foram se multiplicando. Entre esses obstáculos, pode-se destacar o silêncio das fontes, que muitas vezes foram produzidas por homens e ignoravam a presença feminina nos diversos ambientes.

A partir dessas questões, destaca-se a importância de pesquisas que driblem as adversidades a partir da análise das entrelinhas dos documentos tradicionais, ou mesmo produzam dados a partir da coleta direta, como essa pesquisa propôs.

A pesquisa repercute uma observação das relações de gênero dentro de uma instituição

de ensino e, a partir dos resultados encontrados, exaltar a paridade ou a desigualdade dessas relações. Por fim, apresenta reflexões que busquem manter, estruturar ou estimular relações de gênero mais equitativas em um ambiente complexo, de trabalhos múltiplos, com objetivos de ensino, pesquisa e extensão institucional.

### **Referências bibliográficas**

COELHO, Carolina Marra Simões. Gênero: teoria e política. *Dimensões* – Revista de História da Ufes, Vitória, n°23, p. 13-27, 2009.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. 21º ed., São Paulo: Perspectiva, 2008.

GONÇALVES, Andréa Lisly. *História & gênero*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. *Metodologia científica*. 4.ed. São Paulo: Atlas, 2004.

NADER, Maria Beatriz. *Mulher: do destino biológico ao destino social*. Vitória: EDUFES, 1997.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História* [online]. 2005, vol. 24, n.1.

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2008.